

Assunto **Operação Ponto Final - Dupla 2 - Caroline Oliveira e Juliana Morales**

De carol bueno <carolinebueno1@hotmail.com> 📧
Para reporterdofuturo@obore.com <reporterdofuturo@obore.com> 📧
Cópia jumoralesbonifacio@hotmail.com <jumoralesbonifacio@hotmail.com> 📧
Data 05.07.2017 14:54



Quantas cidades cabem em uma só?

A região central de Santo Amaro abriga o terceiro maior centro comercial da cidade paulista e vive a transformação da região

Por Caroline Oliveira e Juliana Morales

O ônibus azul da linha 6200-10 sai do Terminal Bandeira, partindo do centro marrom e antigo de São Paulo em direção ao centro

de Santo Amaro, classificado por seus entes como o 3º maior comércio da cidade paulista, são 500 mil pessoas diariamente. Os prédios de outro século que viram a história passar por suas janelas, àquilo que os olhos se fecham e empurram para outras praças e

o encardido dos passos que ali passaram dão lugar às construções modernas com sacadas do tamanho de um punho, o mesmo que empurra e violenta. A falta de dinheiro dá lugar à sua onipresença e onipotência. As lixeiras não são mais as mesmas, de pequenos contêineres

se transformam em espetos apontando para o céu, mas que esbarra nos terraços de vidro, revelando a barreira não é à toa. Gritam:

— Ação de prefeito para demolir imóvel deixa feridos na Cracolândia, em SP, Folha de S. Paulo

— Reintegração de posse leva caos e sofrimento ao centro de SP, Ponte Jornalismo

— Especulação imobiliária pressiona por “higienização” do centro de São Paulo, Brasil de Fato

República, Sé, Anhangabaú ficam para trás enquanto Itaim Bibi, Brooklin e Morumbi enchem os olhos. O caminho é longo. Às margens

do Rio Pinheiros, que pela história teve seu curso assassinado, observa-se as cidades em uma só. De um lado, construções estranhas aos olhos que estão acostumados com o vidro e o espelho. Ali, muitas gentes não reconhecem. Os mesmos espetos que apontam para

o céu, aqui apontam para o peito, contra a parede, contra o chão. A força é tamanha que imprime na parede de uma casa “polícia assassina”. Faltam imagens.

Depois de 40 minutos, levados em direção contrária pelo Rio Pinheiros, as portas do 6220-10 se abrem para o que ainda desconhecíamos.

Aparentemente tranquilo, o Terminal Santo Amaro trouxe a confusão do espaço e do tempo. Ali, diariamente circulam 150 mil pessoas. São mais de 60 linhas de ônibus.

Localizado na zona sul de São Paulo, o bairro de Santo Amaro tem mais de 60 mil habitantes. Duas ruas para trás do terminal, moram

Ana e Rosa, sem sobrenome, porque a história nos fez esquecer de individualizá-las. Com a renda média do bairro girando em torno de R\$ 6.000,00, as irmãs classificam o bairro como de classe média. Ali, foram assaltadas uma vez. Entraram na casa e forçaram as moradoras

a gradearem tudo, janelas, porta, portão. Elas dão o conselho de seguirmos adiante na Avenida perpendicular à rua Professor Oscar Ramos Arantes, que carrega 100 números em seu Código de Endereço Postal, conhecido como CEP.

Uninove, Shopping sem nome em seus letreiros, Poupatempo, diversas casas de xerox e impressão. O barulho de pessoas indo e vindo

aumenta, anunciando que vens o 3º maior comércio da cidade. Chega a Praça Floriano Peixoto que, num estilo tímido de interior, faz florir a voz de Deus. “As pessoas tem como ídolo o dinheiro”, declara o homem de terno preto segurando uma Bíblia com uma das mãos e olhando efusivamente nos olhos de quem passa. A outra mão entrega a “palavra de Jesus”.

O local que concentra o comércio é conhecido como o Largo Treze de Maio. A região recebeu este nome desde 9 de junho de 1888 aprovado

pela Câmara de São Paulo em homenagem a lei Áurea, que aboliu a escravatura e foi promulgada em 13 de maio de 1888. Naquele ano, 27 dias antes, a Lei Áurea (de ouro) tinha sido assinada pela consumida Princesa Isabel, abolindo a escravidão no Brasil, último

países a fazê-lo num ato de colocar às margens a gasta pele negra que tanto ouro apertou da terra e que hoje é apontada contra a parede.

Uma população flutuante enche o comércio, que garante empregos e vida ao local. As ruas estreitas entre as lojas ainda abriga

alguns ambulantes que vendem roupas, acessórios, brinquedos e artesanatos. Mas nem sempre foram só lojas, o Cabo Costa, membro da Polícia Militar, que trabalha na região há 16 anos, conta que antigamente os camelôs enchiam aqueles corredores, em uma espécie

de labirinto. A mudança de cenário é resultado da operação para remover os ambulantes da área, em 2007, durante o mandato do prefeito Gilberto Kassab.

“Na época, as lojas reclamaram da ação, achando que o comércio ia diminuir, mas aumentou, hoje pedem para tirar os ambulantes”,
relata o PM.

O gerente da loja de bolsas Só Courus, Ezequiel Peres, acompanhou a mudança e afirma que as lojas aumentaram entre 60% e 70%,

após a retirada dos ambulantes. O comerciante ainda ressalta que a segurança do local, “antes dominado por gangues”, também teve grande melhoria. “Os ambulantes colocavam as barracas na porta da loja e não tinha como pedir para tirar, porque se falasse era

assassinado”, conta o comerciante, ao recordar do antigo gerente da loja que precisou ser transferido de local, depois de ser ameaçado.

Deusdete, de 61 anos, encanador de profissão e vendedor de ouro há dois anos no Largo Treze de Maio, fazendo um bico, observou,

segurando uma placa nas mãos, as transformações dadas pela instalação do Poupatempo e da faculdade Uninove na região. Os dois estabelecimentos junto com a construção da Estação Largo Treze ajudou muito o comércio, segundo os vendedores da região. Ezequiel

usa uma analogia para explicar essa contribuição, “o Poupatempo é como uma poça d’água, na qual os animais se agrupam para beber água”.